

**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

JACQUELINE JORENTE

**RELAÇÕES PARAFRÁSTICAS? O léxico sob uma  
perspectiva enunciativa**



ARARAQUARA – S.P.  
2012

JACQUELINE JORENTE

## **RELAÇÕES PARAFRÁSTICAS? O léxico sob uma perspectiva enunciativa**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Ensino Aprendizagem de Línguas

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leticia Marcondes Rezende

**Bolsa:** FAPESP (processo nº 09/54893-0)

ARARAQUARA – S.P.  
2012

Jorente, Jacqueline

Relações parafrásticas?: o léxico sob uma perspectiva  
enunciativa / Jacqueline Jorente - 2012

265 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –  
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,  
Campus de Araraquara

Orientador: Leticia Marcondes Rezende

1. Enunciação. 2. Léxico. 3. Ensino. 4. Linguagem. 5. Línguas.  
I. Título.

JACQUELINE JORENTE

# **RELAÇÕES PARAFRÁSTICAS?** O léxico sob uma perspectiva enunciativa

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Ensino Aprendizagem de Línguas

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leticia Marcondes Rezende

**Bolsa:** FAPESP (processo nº 09/54893-0)

Data da defesa: 22/05/2012

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leticia Marcondes Rezende  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP  
Araraquara-SP

---

**Membro Titular:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marilia Blundi Onofre  
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

---

**Membro Titular:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alessandra Del Ré  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP Araraquara-SP

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

---

**Membro Titular:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Cristina Salviato Silva  
Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino de São João da Boa Vista - FAE

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus,

Aos meus pais,

À minha família,

Ao Patrice,

Às professoras

Letícia Marcondes Rezende

Marilia Blundi Onofre

Lucie Gournay,

À COMVEST (Comissão Permanente para os Vestibulares),

Às agências de fomento

CNPQ (início de apoio ao Mestrado)

CAPES (bolsa PDEE – Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior)

FAPESP (bolsa de Mestrado e de Doutorado Direto);

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar relações léxico-gramaticais no processo de produção de significação em redações de alunos, a fim de, por meio de tais reflexões, apresentar discussões voltadas ao ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Essas discussões são feitas por meio de uma mediação entre a “Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas” e o contexto educacional, articulando questões sociais, linguísticas e educacionais. A sociedade, por meio até mesmo de publicações voltadas à orientação da população, dá ênfase a uma diferenciação entre termos próximos, defendendo que uma simples substituição de expressões abrandaria discriminações. Enquanto isso, no ensino, alguns exercícios sobre sinonímia encontrados em livros de Português focam uma aproximação indistinta de termos. Os dois casos consideram a significação descontextualizadamente, trabalhando com cristalizações. Partindo da hipótese de que são relações léxico-gramatical-discursivas que vão construir significações, observa-se como um termo muitas vezes apontado como “preconceituoso” em nossa sociedade aparece empregado em redações de vestibulandos. Verifica-se se a maneira como o léxico é trabalhado nas produções textuais sustenta a ideia de que uma simples substituição de termos não é capaz de minimizar preconceitos sociais, ao mesmo tempo que não seria interessante trabalhar com sinônimos aproximando termos descontextualizadamente, já que o contexto seria preponderante na construção de significação. Em um desses casos, ele teria um papel que seguiria uma direção de atenuar a diferenciação entre termos, quando o uso de um léxico ou outro não amenizaria discriminações se todo um texto indicasse ideias que fossem em uma direção considerada “preconceituosa”. Mas, ao mesmo tempo, é o contexto ainda que seria capaz de provar que cada termo guarda uma especificidade que não permite falar em “sinônimos perfeitos”. Assim, as relações estabelecidas no texto ora ressaltariam a especificidade de termos, ora apareceriam voltadas a uma atenuação dessas diferenciações, mas sempre seriam muito importantes na construção de significação. A concepção apresentada implica repensar os conceitos clássicos de relações sinonímicas ou parafrásticas e vem confrontar-se com a visão tradicional acerca do léxico, que geralmente é abordado como tendo um estatuto pleno na língua. A proposta é mostrar que o trabalho com léxico seria redutor quando desconsidera o papel de outras unidades lexicais e das unidades gramaticais envolvidas na produção de significação e levantar uma reflexão sobre a relevância de se adotar no ensino uma abordagem lexical sob a perspectiva enunciativa. Em uma sociedade marcada por polarizações, que são refletidas na linguística e no ensino, trata-se de enfatizar a importância do trabalho do sujeito por uma articulação entre linguagem e línguas, formal e empírico, estabilidade e plasticidade.

**Palavras – chave:** Enunciação. Léxico. Ensino. Linguagem. Línguas.

## RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail est d'étudier des relations lexico-grammaticales dans le processus de production de la signification dans les compositions d'étudiants, et, à partir de ces réflexions, de présenter un point de vue lié à l'enseignement et l'apprentissage de la langue portugaise. Ces discussions sont faites à partir d'une médiation entre la "Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives" et le contexte éducationnel, en articulant des questions sociales, linguistiques et éducationnelles. La société, au travers de publications d'orientation à la population, met l'emphase sur la différenciation de termes rapprochés, en défendant qu'une simple substitution d'une expression par une autre puisse faire diminuer la discrimination. En même temps, dans l'enseignement, certains exercices sur la synonymie, que l'on rencontre dans les manuels de portugais, font un rapprochement indistinct entre les termes. Ces deux cas prennent la signification hors du contexte, en travaillant avec des cristallisations. À partir de l'hypothèse que ce sont les relations lexico-grammaticales discursives qui vont construire des significations, nous observons comment un terme, souvent identifié comme discriminatoire dans notre société, est mobilisé dans les compositions d'étudiants. Nous vérifions si la manière avec laquelle le lexique est travaillé dans les compositions soutient l'idée qu'une simple substitution de mots n'est pas capable de faire baisser les préjugés, tout comme il ne serait pas intéressant de travailler avec des synonymes en rapprochant les termes hors contexte, puisque le contexte est prépondérant dans la construction de la signification. D'un côté, le contexte a un rôle d'atténuation de la différenciation entre les termes, lorsque l'utilisation d'un lexique ou d'un autre ne peut pas diminuer le caractère discriminatoire d'un texte déjà bourré de préjugés. De l'autre côté, c'est à partir du contexte qu'il est possible de prouver que chaque terme garde une spécificité qui nous empêche de considérer des "synonymes parfaits". Ainsi, les relations établies dans le texte ont parfois la particularité de faire ressortir la spécificité des termes, alors qu'à d'autres moments ils participent à l'atténuation de leurs différences. Dans les deux cas, ces relations sont toujours très importantes dans la construction de la signification. La conception présentée ici implique de repenser les concepts classiques de relations synonymiques, et elle vient se confronter avec la vision traditionnelle sur le lexique, où ce dernier est généralement vu comme ayant un statut plein dans la langue. Notre proposition est de montrer que le travail avec le lexique est restreint lorsqu'il ne considère pas le rôle des autres unités lexicales et des unités grammaticales impliquées dans la production de la signification, et de réfléchir à la pertinence d'adopter une approche lexicale sous la perspective énonciative pour l'enseignement de la langue maternelle. Dans une société caractérisée par des polarisations, qui sont réfléchies dans la linguistique et dans l'enseignement, il s'agit de mettre l'emphase sur l'importance du travail du sujet pour une articulation entre langues et langage, le formel et l'empirique, la stabilité et la plasticité.

**Mots-clés:** Énonciation. Lexique. Enseignement. Langage. Langues.

## 1 INTRODUÇÃO

“Caipira” ou “habitante do interior”? “Preto”, “negro” ou “afrodescendente”? O emprego de alguns termos seria preconceituoso e, por isso, deveria ser evitado, em favor da escolha de outras expressões que, em uma direção oposta, não promoveriam discriminações? Haveria termos “politicamente mais corretos” que outros?

Essa discussão motiva a pesquisa que apresentamos.

Enquanto a sociedade, por meio até mesmo de instrumentos como publicações voltadas à orientação da população, dá ênfase a uma diferenciação entre termos e expressões próximos, defendendo que uma simples substituição de expressões abrandaria discriminações, no ensino alguns exercícios sobre sinonímia encontrados em livros de Português focam uma aproximação indistinta de termos.

O que esse quadro nos leva a pensar? Que discussões ligadas à educação e trabalho com léxico em sala de aula ele pode suscitar?

Ainda que em um primeiro momento possam parecer distantes, os dois casos aproximam-se por considerar a significação descontextualizadamente, trabalhando com cristalizações. Esse tipo de abordagem preocupa-nos por desconsiderar a produção de significação a cada enunciação.

A partir de uma teoria linguística que não está diretamente ligada ao ensino, propomos discutir como a escola pode trabalhar o ensino de Língua Portuguesa em uma sociedade que se mostra marcada por inúmeras polarizações.

Antoine Culioli, linguista francês que, por meio da “Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas”, propõe a tese da indeterminação da linguagem, permitirá que, abordando uma questão linguística em específico, a sinonímia, acoplemos à nossa reflexão questões sociais e educacionais.

Partindo da hipótese de que são relações léxico-gramatical-discursivas que vão construir significações, tratar-se-á de observar como um termo muitas vezes apontado como “preconceituoso” em nossa sociedade aparece empregado em redações de vestibulandos.

O que se propõe observar é se a maneira como o léxico é trabalhado nas produções textuais sustenta nossa ideia de que uma simples substituição de termos não é capaz de minimizar preconceitos sociais, ao mesmo tempo que não seria interessante trabalhar com sinônimos aproximando termos descontextualizadamente, já que a nosso ver o contexto é preponderante na construção de significação. Em um desses casos, esse contexto teria um papel que seguiria uma direção de atenuar a diferenciação entre termos, quando acreditamos

que o uso de um léxico ou outro não amenizaria discriminações se todo um texto indicasse ideias que fossem em uma direção considerada “preconceituosa”. Mas, ao mesmo tempo, é esse mesmo contexto ainda que, a nosso ver, é capaz de provar que cada termo guarda uma especificidade que não permite falarmos em “sinônimos perfeitos”. Assim, as relações estabelecidas no texto ora ressaltariam a especificidade de termos, ora apareceriam voltadas a uma atenuação dessas diferenciações, mas sempre seriam muito importantes na construção de significação.

Nossa concepção implica repensar os conceitos clássicos de relações sinonímicas ou parafrásticas e vem confrontar-se com a visão tradicional acerca do léxico, que geralmente é abordado como tendo um estatuto pleno na língua.

A proposta é buscar mostrar que o trabalho com léxico no ensino seria redutor quando desconsidera o papel de outras unidades lexicais e das unidades gramaticais envolvidas na produção de significação. Por outro lado, temos como intenção, ainda, levantar uma reflexão sobre a relevância de se adotar no ensino uma abordagem lexical sob a perspectiva enunciativa.

Em um caminho de conexão entre questões sociais, linguísticas e educacionais, tratar-se-á de dar um destaque ao trabalho do sujeito, que permite que pólos sejam destituídos em favor de uma articulação entre a linguagem e as línguas, o formal e o empírico, a estabilidade e a plasticidade.

A tese está dividida em 10 capítulos: 1. “Introdução”, 2. “Politicamente incorretos”, 3. “Negrão vilão”, 4. “A linguagem e as línguas”, 5. “A estabilidade e a plasticidade linguísticas”, 6. “Leitor e linguista”, 7. “Caipiras”, 8. “Pólos e grupos”, 9. “Por uma destituição de polarizações: uma articulação entre linguagem e línguas, formal e empírico, estabilidade e plasticidade”, 10. “Considerações finais”.

Em um primeiro momento, apresentamos a publicação do governo brasileiro que nos permitiu levantar a discussão que motiva nosso trabalho. Trata-se da chamada “Cartilha do Politicamente Correto”, que sugere à população a opção pelo emprego de alguns termos “politicamente mais corretos” que outros, a fim de se evitar “preconceitos”.

Ainda que o manual não tenha se oficializado, e não possamos afirmar sobre a amplitude de sua divulgação, vemos que a ideia por ele sugerida, de uma possível

minimização de discriminações sociais a ser conseguida a partir de uma simples substituição de termos, está difundida.

A cartilha acaba manifestando uma direção normativa, ao estabelecer “o que deve” e “o que não deve ser dito” e o tipo de crença que ela revela mostra-nos uma postura pautada em estabilizações, cuja validade questionamos.

Em 2. “Politicamente incorretos”, buscamos situar como essa discussão pode estar relacionada a uma pesquisa que se volta a pensar em como abordar a questão lexical em sala de aula. Após uma apresentação da “Cartilha do Politicamente Correto”, pensamos um pouco em como os estudos linguísticos e o ensino se ligam a essa sociedade que a publicação federal nos revela.

Quando trabalham língua e linguagem desarticuladamente, a linguística e a escola também não atingem um estado de indistinção, anterior a estabilizações, que, quando se privilegiam polarizações, não é buscado.

Fazemos, no entanto, neste primeiro momento, apenas uma apresentação geral da questão. Uma reflexão mais minuciosa sobre a linguística e sobre o trabalho com léxico no ensino serão apresentados nos dois capítulos seguintes.

Buscaremos discutir com mais cuidado esse estado de indistinção, anterior aos estados polarizados e para onde toda nossa tese defenderá que se deve olhar. Para isso, no capítulo 3. “Negro vilão”, é a linguística que será abordada com mais detalhes. Partindo especificamente da questão lexical, apresentaremos os olhares que lhe são dirigidos a partir das óticas tradicional, estrutural e enunciativa.

É também sob as óticas tradicional, estrutural e enunciativa que especificamente a questão lexical no ensino e aprendizagem de línguas será abordada no capítulo 4. “A linguagem e as línguas”.

Discutiremos que nos dois casos, tanto com relação à linguística, abordada no capítulo 3, quanto ao que diz respeito à questão lexical no ensino e aprendizagem de línguas, discutida no quarto capítulo, a opção de se olhar para um lugar anterior a estabilizações nem sempre é tomada.

Só se consegue trilhar uma direção que se afasta de polarizações quando linguagem e línguas estão articuladas: proposta da terceira ótica levantada.

Pensando ainda no ensino, mas especificamente abordando a questão sinonímica, é que passamos ao quinto capítulo de nossa tese.

Discutiremos que a maneira como a sinonímia algumas vezes é tomada configura-se como um exemplo de trabalho com estabilizações no ensino, e, a fim de destacar um caminho

que consideramos interessante em contraposição a um olhar apenas para a estabilidade linguística, apresentamos um conceito que nos permitirá mostrar como acreditamos que o estável deve ser tomado. Trata-se do “tipo”, bastante trabalhado na “Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas”.

Apresentando uma associação nesta teoria do conceito de “tipo” ao de “atrator”, que leva a abordá-lo necessariamente ligado a uma operação de regulação, as reflexões caminharão em uma direção de defesa de uma articulação entre estabilidade e plasticidade linguísticas.

Após essas discussões, nossa pesquisa chega à parte das análises que propôs realizar.

Um primeiro capítulo é dedicado à apresentação da metodologia com a qual trabalhamos.

6. “Leitor e linguista” discute um caminho de trabalho baseado em dois momentos de se olhar questões linguísticas: um mais intuitivo e outro mais formal. Trata-se de uma proposta de articulação entre o saber linguístico do falante e uma postura científica, que leva a um trabalho com as atividades epilinguística e metalinguística.

A partir desse caminho de trabalho proposto é que realizamos as análises que serão apresentadas no capítulo 7. “Caipiras”.

Nossa intenção era observar o emprego de “caipira” em redações de alunos, noção escolhida por ser uma entrada da “Cartilha do Politicamente Correto”, pensando nas discussões inicialmente propostas por nossa pesquisa.

Uma verificação de polarizações de “caipira” em “bom” e “ruim” em nosso *corpus* de análise inicial despertou nosso interesse por observar mais textos, ampliando o *corpus* de nosso trabalho por meio do acesso a produções textuais escolhidas então sob o critério “nota acima da média”.

O questionamento que passou a direcionar nosso trabalho foi se a polarização que vimos ser característica de nossa sociedade, bem como estar presente nos estudos linguísticos e no ensino, é também refletida nos textos dos alunos. Acessamos produções textuais muito bem avaliadas, a fim de verificar se encontraríamos redações capazes de superar pólos.

O que as análises mostram é que também na produção textual a superação de polarizações não é uma atividade fácil de ser encontrada.

Um capítulo (8. “Pólos e grupos”) discutirá essa polarização, bem como um mecanismo específico que foi observado nas redações. Trata-se da separação em grupo. Verificamos nas redações de estudantes que analisamos que muitas vezes recursos linguísticos são utilizados para estabelecer um grupo: o “grupo dos caipiras”. Discutiremos que é a partir

desse mecanismo que acreditamos que a questão do preconceito deva ser pensada, ao invés de se preestabelecer o caráter discriminatório ou não de um termo, como faz a “Cartilha do Politicamente Correto”.

Após essa reflexão, fechando as discussões de nossa pesquisa, finalmente chegamos ao capítulo 9. “Por uma destituição de polarizações: uma articulação entre linguagem e línguas, formal e empírico, estabilidade e plasticidade”.

Nele apresentamos que aquilo que pode levar a um acesso a um momento anterior a estabilizações é olhar o trabalho do sujeito, como a “Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas” propõe.

Refletindo sobre um espaço gerador, anterior ao estável, que permite aos sujeitos instaurarem-se como origem de seus discursos, em um processo de apropriação, enfatizaremos que uma “teoria da apropriação” é particularmente interessante para abordar o ensino e aprendizagem de línguas.

Daremos destaque ainda à importância de se abordar casos fronteirços em sala de aula. Para isso, discutiremos que, muito mais interessante do que preestabelecer, por exemplo, o que é “caipira”, como a “Cartilha do Politicamente Correto” faz e exercícios tradicionais muitas vezes indicam, será pensar aquele que “é e não é caipira” ao mesmo tempo.

É por meio de uma observação do trabalho do sujeito, destacada neste capítulo, que uma articulação entre linguagem e línguas defendida por nosso trabalho pode acontecer.

Gostaríamos de destacar que sempre que o termo “contexto” aparecer em nosso trabalho, ele é por nós utilizado para fazer referência a relações léxico-gramaticais estabelecidas em um texto.

O termo “formal” também deve receber uma atenção especial.

Na teoria culioliana, três níveis são discutidos quando se pensa em análise linguística, como será apresentado no capítulo 6. “Leitor e linguista”. A partir da materialidade linguística (nível II), que são os enunciados que temos à nossa disposição, o linguista busca discutir a atividade de produção de significação (nível I), através de um aparato metalinguístico (nível III). Culioli discute que essa atividade de produção de significação, que são as operações linguísticas, o trabalho com a linguagem, não é acessível diretamente. Seria por meio de um trabalho sobre os enunciados que estão à nossa disposição, traços dessas operações a que não temos diretamente acesso, a partir de um dispositivo metalinguístico, que o linguista as acessaria.

No caso do nível I, pode-se falar em “formal” em termos dessa atividade de linguagem, o trabalho que realizamos quando produzimos ou reconhecemos enunciados. Já no

caso do nível II, trata-se de uma “forma” diferente, ligada à materialidade textual, que Culioli apresentará como “uma *organização* de marcadores de operações” (CULIOLI, 1990, p.137) <sup>1</sup>. Finalmente, ligado ao nível III, o “formal” aparecerá então associado a uma atividade metalinguística, como “representações de representações” (CULIOLI, 1990, p.178) <sup>2</sup>.

Será, assim, ora em uma ora em outra dessas direções que o termo “formal” será por nós empregado em nosso texto.

Na verdade, o que é interessante é que o projeto culioliano de articulação entre linguagem e línguas naturais parece estar ligado justamente a uma articulação desses três conceitos de “forma”. A apreensão da linguagem por meio das línguas naturais pelo linguista passa pelos três lugares que discutimos.

Foi a articulação desses três lugares que o desenvolvimento de nossa pesquisa nos mostrou.

O trabalho do sujeito está no centro de nossas discussões. Fornecendo um aparato metalinguístico específico para as análises que propusemos realizar, Culioli permitiu que a partir da materialidade dos textos que compõem nosso *corpus* de pesquisa, pudéssemos discutir operações linguísticas que se manifestam em nossa relação com o outro e com o mundo.

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

“[...] *agencement* de marqueurs d’opérations.” (CULIOLI, 1990, p.137)

<sup>2</sup> Tradução nossa.

“[...] representatives of representatives.” (CULIOLI, 1990, p.178)

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa mostrou que a sociedade polarizada em que vivemos, cujo reflexo pode ser visto nas polarizações que discutimos haver na linguística e que aparece também na escola, é refletida nos textos dos alunos.

Um caminho contrário a essas polarizações seria olhar para um momento anterior às estabilizações.

O linguista francês Antoine Culioli, por meio da “Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas”, ao propor que se observe o trabalho do sujeito, permite que possamos discutir esse espaço gerador e que linguagem e línguas, formal e empírico, estabilidade e plasticidade sejam articulados.

Defendemos a transposição das ideias desse autor para o domínio educacional, como sugere Rezende (2008), ao discutir, por exemplo, o trabalho com a atividade epilinguística em sala de aula, como um caminho para uma abordagem voltada a aguçar a sensibilidade dos alunos para um olhar mais refinado para questões linguísticas.

Refletir sobre processos de linguagem é o que acreditamos que deva ser o papel da escola, levando a se pensar, por exemplo, por que termos próximos são distintos ou como casos fronteiros podem ser interessantes.

Desenvolver a acuidade, por meio de processos de apropriação, que só é possível por meio de um trabalho que articula língua e linguagem, não pode ser feito por meio de exercícios descontextualizados.

Gostaríamos ainda de destacar que em nosso trabalho as discussões teóricas aparecem articuladas com as análises apresentadas.

Damos ênfase à importância do quadro teórico-metodológico que a teoria culioliana nos fornece.

Era o trabalho do sujeito que propúnhamos observar em nossa pesquisa. Foi o trabalho do sujeito que nossas análises nos permitiram ver, por meio da consideração de  $S_0$ .

Ressaltando a possibilidade de mediação entre a “Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas” e o ensino e aprendizagem de línguas, é ainda para esse lugar de construção, anterior ao estável, que propomos que o olhar dos professores se volte, a fim de que os alunos tenham consciência do trabalho que realizamos com a linguagem e as línguas.